

um percurso caminhável em pouco tempo a partir de boa parte das residências. Para isso, a Avenida 25 de Julho foi reorganizada com duas para cada mão, sendo a da direita voltada para veículos mais pesados como os caminhões das empresas e ônibus. Estes sofrem desvios junto ao cruzamento com a Rua São Bento, na divisa com o trecho 2. Como diria Enrique Peñalosa, é preciso “avenidar” as antigas autoestradas que cortam as cidades ao meio. Integrá-las à malha existente, às vivências e facilitar a permeabilidade entre os lados antes separados. Os acessos às fábricas e bairros viraram ruas com esquinas convencionais e urbanas. Em diversos pontos ruas secundárias organizam o trânsito interno entre as edificações existentes, resolvem bolsões de estacionamento e configuram praças. Alguns terrenos ociosos identificados podem auxiliar na vida desses espaços com adensamentos de edificações multifamiliares de baixo gabarito e térreo com fachada ativa. Em muitos pontos a proposta se pauta pela solução de fachada ativa – rua – praça – avenida – praça –

rua – fachada ativa com integração nos sentidos longitudinais e transversais. Nos espaços mais curtos apenas saídas simples de imóveis foram propostas diretamente à Avenida 25 de Julho. Todo esse sistema compõe esse parque linear urbano de boas-vindas à cidade através do seu acesso principal. Módulos de apoio com quiosques, banheiros, bibliotecas comunitárias, bicicletários, alimentam esses espaços de forma uniforme e próximos aos acessos aos bairros mais populosos. As taipas de pedra típicas dos muros da região foram revisitadas e reutilizadas em alguns trechos como forma de contenção em locais em que o terreno em aclave encontra-se indefinido e inseguro junto aos novos espaços públicos previstos e localidades como à via secundária que faz ligação com a Rua João XXII, próximo ao início do Trecho 2. A ideia é de realizar uma contenção em concreto ciclópico para que se tenha um bom espaço para ciclovia e passeio e voltar com essa interessante contenção natural de vegetação e rochas existentes na porção em que se já possui

mais espaço, conforme o terreno desce.

O **Trecho 2** possui uma área de atuação mais limitada e delicada, porém mais simples. Buscou-se, através da leitura do lugar, desenvolver um sistema que se repete de forma inteligente, pautado por um módulo que considera o distanciamento dos postes (15m), dos canteiros em seu meio, bancos até a paginação dos pisos de 1 metro, que guia todo o conjunto. A ideia é evitar desnecessárias quebras de materiais, aproveitar as dimensões dos bancos, que são sempre as mesmas, dos canteiros, e para que o poste fique sempre entre as árvores e a sua iluminação se propague o máximo possível. Vagas de estacionamento foram inseridas em todas as quadras em locais estratégicos e de uso flexível para carga e descarga. Dentro do módulo criado cabem 2 vagas sendo que esse número pode ser ampliado ou reduzido de acordo com a necessidade da quadra e lado em questão. Essas ruas, em bloco de concreto intertravado, são mais elevadas e próximas do passeio. Nos cruzamentos passeio e rua ficam

no mesmo nível, dobrando a atenção dos motoristas. A quadra entre a Praça da Bandeira e a Igreja Matriz mantém-se como uma rua compartilhada (woonerf) e a proposta se adequa ao todo da Avenida, com aberturas no seu desenho que trazem à memória o antigo calçamento que marcava o piso das festividades no local.

Para o **Trecho 3** foi proposta uma espécie de mistura das soluções anteriores: o módulo auxilia o desenho o máximo possível (dita as linhas, encontros, etc.), no entanto, o local possui uma dinâmica e uma realidade de estrada mais semelhante ao Trecho 1. Para isso, optou-se por fortalecer o seu caráter turístico e de uso para caminhadas, corridas e ciclismo. Pode-se utilizar a ciclovia e a circulação de ambos os lados, porém cada um tem a sua especialidade: o lado oeste (voltado às vinícolas e muros de pedra) tem sua vocação mais turística, com canteiros, estares e áreas de lazer maiores. No lado leste, o passeio tem a vocação mais de pista de caminhada e possui também mais entradas e saídas de veículos.

Junto à área de maior vinícola foi pensado, em um terreno ocioso no início do trecho 3, um pequeno mirante 12 metros de altura orientado para as parreiras e ao pôr-do-sol. Ao longo do trecho alguns estares, próximos de encostas, foram estrategicamente locados junto a outras áreas com vistas interessantes. Esses estares trabalham também como contenção de água das chuvas, auxiliando na microdrenagem local. E, por fim, finaliza-se (ou inicia-se) o trajeto no pórtico norte, repensado aqui para que simbolizasse Flores da Cunha de uma forma sutil: o mesmo muro em pedra misturada com concreto (concreto ciclópico) que traz a leitura das antigas taipas em acordo com um material moderno e que indica uma nova intervenção. A ideia foi evitar a cópia do antigo e assim não confundir o morador e turista bem como evitar também a implantação de um portal, que não soa proporcional e interessante no nosso ponto de vista. Dentro da proposta buscou-se manter o eixo das vias como forma de se economizar com as drenagens infraestruturas e com

a organização pré-existente do traçado. Sem criar muitos malabarismos viários e de trocas de trajetos de difíceis execuções. Tendo em vista a vasta extensão da área do concurso, os perfis propostos podem, futuramente, sofrer alguns ajustes de encaixe, algumas modificações de acessos e demais revisões. O projeto vem como uma proposta macro de soluções, identidade e conjunto as quais estão mostradas aqui no todo e no detalhe, mas que possuem critérios universais de aplicação em toda avenida. Mesmo com essa enormidade buscou-se a relação da esquina, dos nós, das travessias de pedestres, dos encontros humanos e dos materiais: como o piso encaixa no banco, como um tótem sai do chão e se apresenta à rua, como o poste ilumina o cenário urbano. Esses espaços são para serem sentidos, presenciados e vividos, na nossa escala e na nossa relação com a natureza e com a urbe.

Materialidade

A base dos materiais partiu da leitura local: das pedras de taipa dos muros, das bases

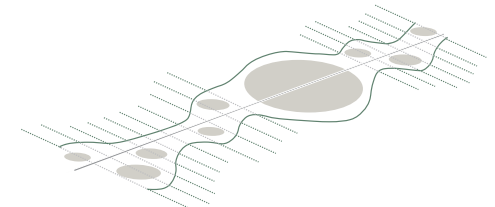
das casas coloniais e do campanário da igreja matriz; da madeira das casas coloniais; e dos telhados utilizados. Obviamente não se torna interessante para a proposta a simples cópia e cola de tais componentes, mas sim criar releituras atuais e utilizá-los de forma racional, porém criativa. As pedras das taipas e bases de casas foram incorporadas junto ao concreto no desenho dos muros, arrimos e pórtico de entrada norte em concreto ciclópico. Essas soluções fortalecem a identidade linear da proposta em todos os trechos tanto pelo uso do material quanto pelo seu desenho em si, que busca unir esteticamente o espaço no sentido longitudinal e transversal. Busca-se assim a criação de um conjunto apropriado à geografia e cultural local. As telhas, bem como as madeiras e pedras, fazem a coberturas dos módulos de apoio das praças e parque linear do trecho 1. O Centro de Atendimento ao Turista também é composto destes materiais e, como já mencionado, traz uma releitura da antiga arquitetura fabril de Flores da Cunha, como

o exemplo do galpão de garrações. As pedras basálticas, presentes antigamente na Avenida 25 de Julho, compõem a parte de serviço dos passeios e praças nos três trechos e, aparece novamente presente na rua entre a Praça da Bandeira e Igreja Matriz como fragmentos da memória.

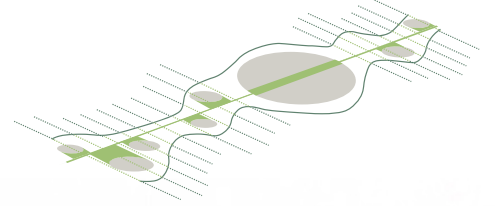
Paisagismo

A vegetação de destaque é, sem dúvidas, a árvore selecionada para toda a extensão da Avenida 25 de Julho, o Jacarandá mimoso. Sendo uma árvore nativa da região de mata atlântica, presente no sul do Brasil, caducifólia (para o sol nos dias frios) e boa para implementação de calçadas, pensou-se em criar um enorme túnel sobre a avenida que se adequa ao longo das estações e que modifique esteticamente o espaço durante o ano. O destaque fica para a época de sua floração de cor roxa/ lilás, tonalidade que reforça a tradição vinicultora da cidade. Outras espécies nativas compõe a proposta como pode-se observar abaixo.

fragmentação territorial existente



conexões transversais propostas



diagnóstico e diretrizes

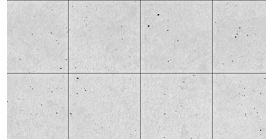
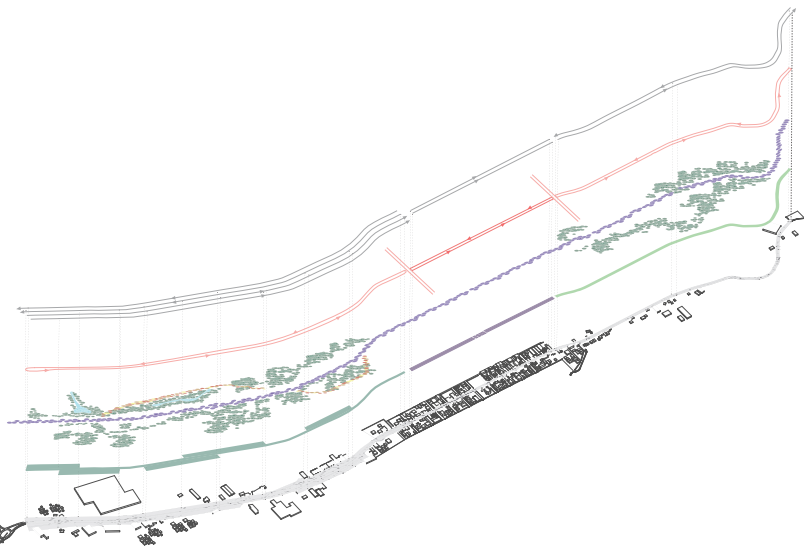
vias

ciclovias

vegetação

usos do espaço

proposta



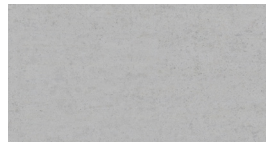
piso em concreto liso
pisos principais
áreas de circulação



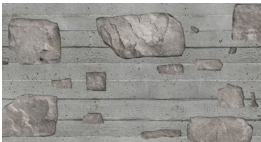
piso em pedra basáltica
piso secundário
áreas de serviço



piso em paver
vias secundárias
ciclovias
vias elevadas



concreto aparente
bancos
lixeiros, bebedouros
arremates vias



concreto ciclópico
contenções
pórtico norte
paredes módulos



metal cinza grafite
tótems informativos
pontos de ônibus

materialidade



pau-fava
Senna macranthera



jacarandá mimoso
Jacaranda mimosifolia



guarapuvu
Schizolobium parahyba



flamboyant
Delonix regia



jacatucaba
Citharexylum myrianthum



quaresmeira
Tibouchina granulosa



angico amarelo
Parapiptadenia rigida



araucária
Araucaria angustifolia



pau-ferro
Caesalpinia leiostachya



ipê branco
Tabebuia roseo-alba



filodendro glorioso
Philodendron gloriosum



guaimbê
Philodendron bipinnatifidum



moreia branca
Dietes iridioides



jibóia
Epipremnum pinnatum



falso íris
Neomarica caerulea



helicônia
Heliconia rostrata



samambaia prata
Pteris cretica



hera
Senecio macroglossus



semânia
Gloxinia sylvatica



pitanga
Eugenia uniflora



cereja-do-rio-grande
Eugenia involucrata



jabuticaba
Myrciaria cauliflora



uvaia
Eugenia pyriformis



goiaba
Psidium guajava

paisagismo



implantação B
1:5000



Concurso Público Nacional de Arquitetura e Urbanismo
Requalificação da Av. 25 de Julho, Flores da Cunha - RS

AVENIDA
* 25 DE JULHO

2/6

